

Cimi aponta uma derrota de Rangel no caso dos índios

BRASÍLIA (Sucursal) — "O ministro do Interior, Rangel Reis, foi fragorosamente derrotado e, agora, as missões poderão continuar a desenvolver o seu trabalho com tranquilidade."

Essas declarações foram feitas, ontem, em Goiânia, pelo padre Iazi, do Conselho Indigenista Missionário, que revelou, ainda, que "as contradições nas declarações feitas pelo ministro Rangel Reis e o general Ismarth de Oliveira, sobre política indígena, e o acordo final quanto à situação das missões religiosas, demonstram, claramente, que houve uma ordem superior para que a crise tivesse o desfecho que teve."

Comentando a situação de demissionário, do diretor geral de Operações, Francis van der Brooke, disse o padre do Cimi que a sua saída da Funai significará melhora para a ação daquele órgão. Prosseguindo, disse que, com os últimos acontecimentos, "a Funai tomou as rédeas da situação, novamente". O padre Iazi acrescentou que gostaria de ver algum representante do Cimi fazendo parte dos grupos de trabalho que farão avaliação das missões religiosas que atuam junto às comunidades indígenas. "Mas — afirmou — isso não acontecerá, pois o órgão a que pertence é desconhecido, tanto pela Funai como pelo ministro do Interior."

"Evidentemente, as comunidades indígenas tendem a falar o português, de maneira que o ensino do dialeto, quando não existe uma gramática e uma morfologia da língua, é muito complexo, e a organização que tem que ser montada para esse ensino é tão complexa que o Brasil até hoje não a possui. Tem que utilizar apoio total de uma organização estrangeira para esta tarefa" — afirmou Rangel Reis, insistindo em que o assunto deve ser estudado detidamente, pelas implicações que tem.

No tocante às organizações estrangeiras, Rangel Reis disse que a cooperação destas deve ser conservada, desde que também haja, sobre qualquer entidade, um controle e uma política adequada.

Ministro recua de posição

Do enviado especial

CAMPOS — O Governo não vai afastar as missões religiosas do trabalho junto às comunidades indígenas, declarou ontem o ministro Rangel Reis, do Interior, ao desembarcar no aeroporto de Campos, num pronunciamento em que advertiu o povo brasileiro para ter mais consciência do problema e disse que achou de seu dever colocar perante a Nação, depois das declarações que fez no dia 27 de dezembro em Brasília.

Rangel Reis informou que, na reunião que teve com o presidente da Funai e todos os seus diretores, na quarta-feira, fez um balanço do que está havendo e o que deverá acontecer em 1977 na política indigenista, estabelecendo um prazo de três meses para um levantamento completo de todas as missões religiosas e do trabalho que vem sendo feito por elas. "Vamos examinar a situação de cada uma delas" — afirmou.

Disse o ministro que, em muitas áreas, é necessário utilizar os pendores dos índios para a prática da agricultura, para transformá-los em cidadãos produtivos do País. "Ninguém quer, absolutamente, afetar hábitos de cultura; não há nenhuma razão para pensar que uma integração e uma emancipação de uma determinada comunidade venha a ser feita com prejuízo de sua cultura", afirmou, acrescentando que muitas comunidades no Brasil foram absorvidas e integradas sem prejuízo de seus hábitos de cultura e que o Brasil é um país que conseguiu formar uma nação com colonos alemães, japoneses e outros.

Citou também a população africana, ressaltando: "É claro que a população negra ainda não está em estágio social tão avançado, mas chegará lá e mantém os seus hábitos."

Rangel Reis veio a Campos para receber, no Automóvel Clube Fluminense, das mãos do prefeito José Carlos Vieira Barbosa, a medalha do Mérito Saldanha da Gama, juntamente com o diretor geral do DNOS, Harry Amorim. Não se furtou, como faz habitualmente, ao contato com a imprensa, e respondeu a todas as perguntas que lhe foram formuladas. Suas declarações tiveram um tom de pronunciamento oficial à Nação, e algumas delas reformularam totalmente o que havia afirmado na entrevista de 27 de dezembro.

INTEGRAÇÃO PROGRESSIVA

"A nação brasileira ainda não está preparando a comunidade indígena para dar a ela a oportunidade de se desenvolver, eu digo isso com absoluta convicção depois de visitar várias comunidades.

"Não me custa responder a outras perguntas referentes ao assunto, que achei de meu dever colocar perante a Nação, quanto a necessidade que temos de melhorar, o nosso tratamento com relação à comunidade indígena do Brasil. Nós não vamos afastar as missões religiosas do trabalho junto às comunidades e não temos nenhuma razão para isso", declarou o ministro Rangel Reis, ressaltando:

"Mas vamos trabalhar de maneira mais estreita com as missões, porque isso é da lei. A Funai executará, o seu trabalho junto às missões, orientando os trabalhos das missões. Vamos aperfeiçoar o que não está bem e vamos firmemente seguir uma política indigenista brasileira, que é a de alcançar aquela integração progressiva" — explicou.

Acrescentou o ministro: "Espero que a maioria da Nação brasileira entenda essa posição de uma minoria que precisa ser mais ajudada do que está sendo hoje."

LÍNGUA DO ÍNDIO
Sobre o ensino bilingue aos índios, o ministro Rangel

Reis afirmou que esse problema é objeto de confusão e precisa ser analisado por especialistas. Por isso vai pedir ao ministro da Educação que ajude o ministério do Interior nas análises.

"Eu tenho minhas dúvidas depois do que tenho visto, e como acho que este assunto tem que ser analisado à luz da pedagogia e através de especialistas, não dou uma palavra final sobre isto. Acho apenas que, se não houver razão muito forte para continuar o ensino da alfabetização dupla na língua nativa e na portuguesa, acho então que talvez a gente deva rever esse critério porque não é fácil, inclusive para o Brasil, que não tem técnicos em quantidade e até mesmo com capacitação para resolver isso. Temos que formar muitos para o desenvolvimento desse trabalho."

Revelou que o sistema do ensino bilingue não tem, de sua parte, nenhuma política definitiva e que o único argumento que ouviu até agora sobre o assunto, e que lhe pareceu razoável, foi o de que o ensino na língua nativa ajudaria na alfabetização em português.

Achado grupo de indígenas primitivos

BRASÍLIA (Sucursal) — A Funai informou ontem, através do seu presidente, Ismarth de Oliveira, que um grupo de 38 índios Parakanae, ainda em estado primitivo, foi contatado na região conhecida como Puruizinho, próxima à futura barragem de Tucuruí, no Pará. Os índios já estão sendo assistidos por sertanistas e médicos, e todos foram vacinados. Segundo a Funai, eles poderão indicar o paradeiro de outros grupos dispersos da mesma tribo, o que evitará o seu extermínio devido às inundações que serão provocadas pela elevação do nível do rio Tocantins, quando a barragem entrar em funcionamento.

CHOQUE

Em relação à situação dos índios Txukarramãe, que mataram dois peões da fazenda Agro-Pexim, recentemente, o general Ismarth de Oliveira revelou que nenhuma notícia tem até o momento. Entretanto — informou —, o administrador do Parque Nacional do Xirigu, Olímpio Serra, viajou para a região para fazer um levantamento completo dos fatos.

ACULTURAÇÃO

Indagado sobre o prazo que estabelecera para a aculturação dos índios e suas declarações de dezembro, Rangel Reis disse que formulou este prazo "apenas, como um horizonte de tempo", e considerou todo prazo muito difícil de se estabelecer. Citou como exemplo de variações de tempo de aculturações as comunidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que já poderiam estar perfeitamente integradas, se não houvesse problemas de terra na região e outras coisas que têm que ser estudadas.

"A imagem que se faz, de que o índio é indolente, é errada, o índio produz e pode produzir e pode ser cidadão mais útil ao País, sem prejuízo de sua cultura e dos seus hábitos", disse.

Rangel Reis afirmou ter consciência das repercussões de suas declarações de dezembro, e disse que, depois delas, viu muitas incompreensões e muita má fé, mas que preferiu ficar com aqueles de boa fé que criticaram construtivamente o seu pronunciamento, e que espera que essas pessoas sejam esclarecidas agora.

D. Aloísio faz parábola contra quem condena

FORTALEZA — Em um pronunciamento intitulado "Encontro com o Pastor", o cardeal-arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, rememorando o Sermão da Montanha, proferido por Jesus Cristo, disse que ele afirmou: "Não julgais, para não serdes julgados, não condeneis, para não serdes condenados. Com a medida com que medirdes aos outros ser-vos-á medido outra vez". A citação do cardeal foi recebida nos meios católicos como uma resposta àqueles que acusam a Igreja no problema ligado aos missionários e envolvendo bispos também.

Dom Aloísio, ainda citando Cristo, disse: "Por que vês o cisco no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou por que dizes ao teu irmão: deixe-me tirar o cisco do teu olho, e não tiras primeiro a trave do teu? Estes dizeres e estas perguntas de Jesus são muito exatas. Na vida, isso acontece. A gente enxerga muito o cisco no olho dos outros, e não enxerga a trave enorme que está no próprio olho da gente. É uma cegueira danada, não acha?"

VESTIBULAR

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 8-1-1977 PARA:

**DIREITO
ADMINISTRAÇÃO
C. CONTÁBEIS
ED. FÍSICA**

INFORMAÇÕES:
R. Dr. Solon Fernandes, 155
fone 209-3233
V. Rosalia GUARULHOS

← TODOS OS CURSOS RECONHECIDOS →



FACULDADES INTEGRADAS DE V. ROSALIA.